

# **Folhetins d'A Republica: A impressão de novos valores políticos e sociais na literatura presente no jornal "A Republica" no primeiro período republicano na cidade do Natal/RN**

## **Ildegarde Elouise Alves**

Graduada em História  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## **Ágda Priscila da Silva**

Graduada em História  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O jornal "A Republica" foi o principal periódico da cidade do Natal durante o primeiro período republicano, sendo um importante divulgador das notícias relacionadas ao novo sistema político vigente, e sobre as mais variadas esferas da vida natalense. Nesse jornal também havia um amplo espaço para a literatura, que e apresentada como uma coluna para o lazer dos leitores. Nesse trabalho buscaremos analisar o modo como estes livros, as publicações dos mesmos, acompanharam a consolidação da instalação da Republica. De modo a entender não só como um espaço de entretenimento, e sim como também um espaço destinado a impressão de novos valores emergentes a partir da transição do regime político do Império para a República.

**Palavras Chaves:** Natal; Primeira República; Folhetim.

O presente trabalho surgiu em meio ao desenvolvimento de outras atividades, que mesmo abarcando outros temas, estava situada na mesma periodização e bebia da mesma fonte, o jornal A República, no qual falaremos adiante. Nas pesquisas com o periódico, uma das colunas do jornal chamou a atenção. Eram os folhetins d'A Republica, e logo percebemos que também aquela coluna fazia parte do projeto de formação dos ideais republicanos. O recorte temporal engloba a Primeira República, mais precisamente de 1890 a 1917, data que marca o período em que estes folhetins foram publicados pelo periódico e também o surgimento da *Belle Époque* natalense.

Entre 1870 e 1914, está o que se convencionou chamar de *Belle Époque*, principalmente e dinamicamente na parte norte da Europa. Este período foi marcado por uma série de acontecimentos e processos que partiram daquela região do mundo e se espalharam para as mais diversas localidades, atingindo vários povos. Segundo Arrais, a "expressão *Belle Époque* foi forjada por uma geração que projetou cores e formas exuberantes sobre o passado que tinha acabado de ficar para trás: aos olhos da geração,

havia sido um tempo duradouro, alegre e otimista, que vigorou antes que sucedesse o desalento e o desespero motivado pela guerra que se iniciara em 1914[...]” (ARRAIS; et al; 2008:39). Ainda, segundo este autor, houve um descompasso entre a *Belle Époque* francesa e a brasileira no que se refere principalmente ao caso natalense, uma vez que estes experimentavam momentos diferentes. Enquanto na Europa o clima de otimismo finda com a explosão da I Guerra, a *Belle Époque* natalense permaneceria até pelo menos 1930.

Nesse contexto, se verificam principalmente as transformações físicas da cidade para a promoção da modernidade. Serão inaugurados novas iluminações, avenidas, teatros. A cidade se preparava para receber o novo e o moderno, que, naquela época, era extremamente vinculado ao que vinha da Europa, principalmente da França. As mudanças físicas da cidade só teria sentido se também a população assimilasse os processos trazidos pela modernidade inspirada nos valores europeus e para conhecer esses valores, muito se utilizou dos folhetins como forma de ilustrar aos leitores da folha os conceitos, os cenários, as cores que permeavam os Folhetins d'A REPUBLICA.

Segundo Julio Aróstegui, as fontes históricas seriam, em princípio, “todo aquele material, instrumento ou ferramenta, símbolo ou discurso intelectual, que procede da criatividade humana, através da qual se pode inferir algo acerca de uma dada determinada situação social no tempo” (ARÓSTEGUI, 2006:481). Tal definição demonstra quão ampliado é o conceito de fonte, trazendo uma série de possibilidades para a pesquisa histórica. O mesmo autor ressalta ainda que “Uma fonte histórica é fonte 'para' alguma história; mas uma fonte, indubitavelmente, pode conter informações para vários problemas ou pode ser interpretada de diversas formas” (ARÓSTEGUI, 2006:491). É nessa perspectiva que trataremos a documentação presente nesse artigo, assim como a interpretação do referido autor sobre a análise documental, onde afirma que esta

*poderia ser definida como o conjunto de princípios e operações técnicas que permite estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações para o estudo e explicação de um determinado processo histórico. A crítica, pois, não se esgota na depuração dos dados; esta é antes um primeiro passo para aquela. [...] Cada tipo de pesquisa requer suas fontes e, portanto, sua crítica.(ARÓSTEGUI, 2006: 508)*

Neste artigo, o conjunto documental escolhido para análise foi o Jornal “A República”, criado por Pedro Velho em 1889, se tornando o órgão oficial do partido republicano do estado. Antes de realizarmos a análise proposta, realizaremos algumas

considerações sobre o jornal como fonte histórica, bem como os cuidados que devem ser tomados nas análises. E um breve histórico quanto ao percurso do uso de fontes impressas no trabalho historiográfico a partir do trabalho de Tania Regina de Luca.

O uso da imprensa como fonte histórica era pouco comum no Brasil, até a década de 1970. Na realidade, foram considerados inadequados para o trabalho da escrita da história durante muitos anos, concepção motivada devido a falta de impessoalidade e neutralidade diante de determinados questões e acontecimentos. Porém, a partir de 1930, a escola dos Annales critica essa concepção para o não uso do jornal como fonte. Já em fins do século XX, iniciaram-se as alterações na prática historiográfica, com a contribuição da terceira geração da escola dos Annales. A história ganhava agora, “novos objetos, problemas e abordagens” (LUCA, 2005:112), e passou-se a perceber as fronteiras da disciplina histórica e as amplas possibilidades que a interdisciplinaridade pode oferecer para a produção historiográfica.

Outro fato importante que Luca expressa foi a renovação temática. Os historiadores passaram a se interessar por âmbitos antes inexplorados, valorizando a importância dos elementos culturais para a construção da história, assim como realizar uma história a partir do outro lado, uma “história dos vencidos, a história vista de baixo” (LUCA, 2005:113).

Atualmente, as mudanças estão na ascensão da história imediata e o “retorno” (LUCA, 2005:114) da história política “vítima de significativo ostracismo durante grande parte do século XX” (LUCA, 2005:114). Neste quadro de constantes mudanças, a imprensa tem papel fundamental como fonte histórica, se esta possuir alguma contribuição para a pesquisa a ser realizada e se o historiador/pesquisador realizar um bom trabalho metodológico ao utilizá-la como objeto da pesquisa histórica.

Durante a Primeira República em Natal, é o jornal “A Republica”, dirigido sempre por representantes do poder político local, que irá divulgar tanto as questões oficiais do governo em exercício, quanto informações sobre cotidiano da cidade em suas colunas. Nas leituras que se seguem, tentaremos entender como esse periódico, na tentativa de consolidar novos valores presentes no novo momento político, busca educar a população aos novos ideais, por meio de suas colunas literárias, principalmente os folhetins, que fizeram parte do periódico no período de 1890 a 1917.

Para Marlyse Meyer, os folhetins podem ser considerados como uma narrativa literária que possui por características centrais o formato de forma sequencial e parcial

publicada em periódicos e a preocupação com o conteúdo, que visa prender o interesse do leitor até a próxima publicação.

Surge na França no início do século XIX e logo se dissemina por outras regiões, como o Brasil, alcançando um amplo sucesso, principalmente pela variedade de temas disponíveis, multiplicados em diversos enredos, geralmente voltados a temas sobre emoção e miséria da condição humana em variados aspectos, buscando, porém, aproxima-lo do real.

Meyer divide a história do folhetim em três fases. Na primeira fase do romance-folhetim, que iria de 1836 a 1859, onde os enredos eram predominados por questões que envolvessem mistérios, vinganças e carregavam ainda uma densa camada política. A segunda fase do romance-folhetim seria de 1851 a 1871, marcado principalmente pela obra, ou melhor, pelo personagem Rocambole, de Ponson du Terrail, escrito durante o Segundo Império na França. Tal autor não foi reconhecido apenas pelo mérito de suas obras, como também pelos casos de plágios envolvendo sua produção. A terceira fase seria de 1871 a 1814, que a autora chama de “os romances dos dramas da vida”, quando os folhetins se tornam mais variados e ao mesmo tempo se folhetinizam as informações.

No Brasil, os folhetins se tornaram rapidamente um importante elemento dos periódicos, que reproduziram em grande medida, num primeiro momento, folhetins dos tão referenciados autores europeus. Mesmo chegando ao Brasil ainda no período imperial, o advento da república não diminuirá a popularidade dos mesmos.

Em Natal, os folhetins chegam com o A República. Para Tarcísio Gurgel, a retorno dos filhos das elites que saíam para estudar em outros estados e seu aproveitamento na folha serviam na promoção e circulação de novos conceitos (GURGEL, 2009:103). Para Arrais, essa jovem elite viajada considerava Natal muito provinciana ainda, e desejavam transforma-la, “colocando-a no fluxo daquela modernidade irradiada de Paris, de Londres, dos Estados Unidos [...]” (ARRAIS; et al, 2008:12). Nesse momento se buscará o novo ardentemente e ampliar os conhecimentos sobre o mundo em escala mundial fazia parte deste novo momento.

Natal inaugurava esse novo momento e essa elite consegue, por meio do periódico, divulgar os trabalhos dos artistas locais e, em grande medida, estimulando as associações de artistas, naquele momento, as organizações literárias surgem aos montes na pequena cidade, já em fins do XIX, como o *Le Monde Marche*, Congresso Literário,

Castro Alves e Centro Polimático, todos com os seus devidos órgãos de publicação – Oásis, A Tribuna, O Iris e Revista do Rio Grande do Norte, respectivamente .

Rapidamente o jornal A Republica ganha notoriedade na sociedade natalense, se tornando o mais importante do estado. Em um primeiro momento, os folhetins não representam o único espaço destinado à literatura no periódico. São muitas as publicações de poemas de artistas locais nas colunas “Sciencias e Artes” e “Letras e Artes”, principalmente do período de 1890 a 1898. Auta de Souza, Segundo Wanderley, Francisco Palma, Henrique Castriciano, Ezequiel Wanderley, dentre muitos outros.

Os poemas publicados expressavam geralmente questões ligadas às figuras políticas locais, ao próprio cenário político e também se referiam a situações ocorridas na cidade. Essas ações são percebidas no poema “Sobre o túmulo do eminente tribuno Dr. Junqueira Aires”, de autoria de Segundo Wanderley, publicado pelo jornal em maio de 1896, em homenagem ao deputado que havia falecido poucos dias antes; os poemas de Tobias Barreto e Ezequiel Wanderley no mês de novembro sobre o dia de finados também em 1896, quando a cidade sofria uma violenta epidemia de varíola e sofria com os elevados índice de mortandade ou ainda em poemas como “Pela República”, de Ezequiel, em 1898.

O espaço de publicação desses artistas só diminuem a partir de 1897, e podemos entender esse evento por meio da expansão dos espaços da divulgação poética por meio das publicações em revistas das sociedades literárias e também do constante aumento das colunas de caráter político que utilizam dos versos para realizar suas críticas no jornal A Republica, como a Mordedura, De Palanque, Colméia, Pensando e Rindo, Instantaneas, Carapucas, Telephonando, dentre outras.

Mesmo com esse cenário rico da literatura potiguar, os folhetins, como afirma Gurgel: “O conteúdo veiculado pelo jornal atendia à expectativa do leitor, tendo nos inevitáveis romances de folhetim uma atração” (GURGEL, 2009:131). Uma atração, principalmente porque levava os seus leitores a se aproximarem do mundo moderno, tão idealizado pelos dirigentes locais.

Não seria viável analisar toda as especificidades dos folhetins publicados pelo periódico no período de 1890 a 1917, datas da primeira e da última publicação de folhetins no jornal A República. De modo que, neste curto artigo, buscaremos entender como essas leituras auxiliaram a elite dirigente da cidade do Natal no primeiro período republicano (que por sinal se fazia presente no corpo de edição da folha) no tocante a

uma aproximação aos valores europeus e de seus principais autores, focando em apenas alguns dos folhetins publicados.

O primeiro folhetim publicado pelo jornal A República foi *Coração* (1886), autoria de Edmond de Amicis, em 18 de agosto de 1890, com a recomendação “livro para rapazes”. O livro conta a história de um grupo de garotos que se vêem em diferentes situações e experiências de vida a partir do universo escolar. Narra a história de Enrico e de seu grupo de amigos em uma fase de transição para uma nova etapa de sua vida. Interessante notar que foi apenas a partir de 1920 que o livro se tornou popular no Brasil, sendo um dos mais vendidos daquele período e utilizado em instituições de ensino como leitura obrigatória. *Coração* transforma o ambiente escolar como um espaço não só para o aprendizado teórico, como também de vivências e experiências gratificantes e formadoras. Ainda naquele ano, se publica *Lesage, O Bacharel de Salamanca*, que finda em 1891.

De 1891 até 1896, o enfoque maior do jornal fica na divulgação da produção dos artistas locais. Só em 1897 surge um novo folhetim: *A Conspiradora*, pelo Coronel R. H. Savage, sendo que logo após o início de sua publicação *A Conspiradora* primeiro divide e depois cede o lugar a *Meigo*, de Pedro Ivo, conto que narra as peripécias de um estudante de medicina que tem seus problemas resolvidos por um 'meigo' caridoso e astuto. A prática de se publicar alternadamente dois folhetins será uma constante n'A República, sendo que algumas vezes, assim como aconteceu no romance de Savage, o texto para de ser impresso antes mesmo do fim da história, sem que nenhuma informação seja dada aos leitores por parte do corpo editorial. Caso este acredita-se não estar a obra escolhida atingindo as suas finalidades, a mesma seria repelida da folha.

Ainda em 1897, no mês de agosto, um novo folhetim surge, *A Vendetta*, de Arsenio de Chatenay, pseudônimo de Antônio da Cunha de Azevedo Lemos Castelo Branco, escritor português que se tornou famoso principalmente pelo caráter sensual presente em suas obras, mais pouco percebido no folhetim escolhido, o que demonstra uma preocupação com a questão moral nas obras a serem publicadas. É a partir deste folhetim que também se inicia uma preocupação em explicar a leitura antes que ela seja publicada por meio da coluna “O Nosso Folhetim”, que expõe que é o autor da obra escolhida, qual o seu enredo e qual a expectativa dos editores quanto a aceitação dos folhetins pelos seus leitores e não apenas uma chamada com o nome do texto a ser publicado, como nos folhetins anteriores. Vejamos como se apresenta essa coluna

## O Nosso Folhetim

Começamos hoje a publicar 'A Vendetta', bem acadado romance de Arsenio de Chatenay, pseudonymo de um notável escriptor portuguez.

Para dar tratos à curiosidade dos nossos leitores, diremos que o romance que preferimos para o nosso folhetim, além do aprimorado estilo e lances verdadeiramente dramáticos de enredo, trata da celebre vendetta dos habitantes da cecília e de um episódio histórico do supplicio das tavoras de Portugal em fim do século passado.

Estamos certos que o nosso novo folhetim agradará geralmente os nossos leitores. (A REPUBLICA, 07.08.1897, nº 152)

Continuando em 1897, temos finalmente a publicação de um daqueles que representam o que foi o folhetim frances no século XIX, trata-se do *Bastidores do Mundo*, pelo escritor frances Ponson Du Terrail (1829 - 1871). Este autor ficou conhecido principalmente pela obra construída posteriormente a partir do fictício personagem de Rocambole, que inspirou vários livros deste autor e o colocou como um diferencial nos romance-folhetim.

*Bastidores do Mundo* teve seu brilho ofuscado quando em 31 de outubro de 1897, nº 224 passa a ser intercalado com *A Quarta Expedição Contra Canudos – Cem léguas através do sertão – De Aracaju a Queimadas via Canudos*. E não era para menos. O episódio de Canudos foi vendido pela Republica como uma verdadeira guerra contra a monarquia, enaltecendo as incursões do exército para derrubar o arraial, principalmente quando o 34º Batalhão do estado é designado para participar dessa luta. Propositadamente ou não, o folhetim da expedição contra Canudos passa a ser publicado exatamente quando se inicia uma campanha de arrecadação de fundos para os familiares que tiveram seus arrimos mortos nas batalhas.

Os anos de 1898 e 1899 são premiados com folhetins de autores consagrados nesse gênero, primeiro com *Flor de Lis*, de Octave Feuillet e *Noites do Boulevard*, de Pierre Zaccone. Ambos romancistas populares da França, que escreviam romances em série. No entanto, é a publicação de outro clássico dos folhetins franceses que marcará o periódico da metade de 1899 até os primeiros meses de 1901, trata-se de *os Antros de Paris*, de Xavier de Montepin, também um dos mais importantes autores de romance-folhetim na França em fins do XIX e início do XX. É desta forma que a República apresenta o seu novo folhetim

Entre os escriptores francezes que tem adquirido reputação universal, sobreshae Xavier de Montepin, como um dos mais apreciados romancistas populares.

Sem preocupações de Escola, apanhando os factos ao Jour le Jour, commentandi-ao sabor de sua poderosa imaginação, Montepin tornou-se o preferido de todos os países que deseja encontrar no folhetim a nota emocionante que impressiona e commove.

Os Antros de Paris, que hoje começamos a publicar no rodapé da nossa folha, são uma das obras mais sensacionaes do escriptor parisiense.

Os vários aspectos da vida na França são ahi tratados com a maestria de quem possui essa grande faculdade de observação que sabe tirar o melhor partido das situações dramaticas em que colloca os seus personagens.

Estamos convencidos que ainda não escolhemos uma obra que melhor agradasse o paladar literário dos nossos assignantes, do que Os Antros de Paris, que, desde hoje, vae se tornar a grande attracção da nossa folha. (A REPUBLICA, 21.07.1899 nº 159)

E *Os Antros de Paris* foi realmente uma publicação de sucesso, tanto que para a escolha do próximo folhetim a ser publicado, não bastava apenas escolher um clássico do século XIX, era preciso mais e foi feito. Primeiro, o novo folhetim seria também intercalado com *Os Antros*. Segundo, até então, a preocupação com a tradução não se apresentava na coluna “O Nosso Folhetim”, o que se modifica quando Manuel Dantas, intelectual e editor do periódico se propõe a traduzir o novo folhetim. Vejamos como a folha nos apresenta esse momento.

Incontestavelmente, o folhetim faz parte da vida de um jornal, tornando-se sempre a leitura predilecta do público.

Por isso, entendemos dar maior desenvolvimento aos nossos folhetins, começando nesses dias a publicar um outro no alto da terceira página. Uma obra extraordinaria, que constitue o maior sucesso literário do século XIX, o

#### QUO VADIS?

Do grande escriptor polaco H. Sienkiewicz, habilmente traduzido e anotado por um de nossos companheiros de redacção.

Brevemente começaremos a publicar a tradução do Quo Vadis? E então o publico terá a ocasião de ir saboreando aos poucos uma obra prima na concepção e na forma.

Sobre as traduções de Quo Vadis, não nos consta que em lingua portuguesa já existia uma feita sobre a traducção franceza revista por Sienkiewicz, como a que vae publicar A Republica.

A primeira traducção franceza, que serviu para algumas traduções portuguesas que temos visto, sahiu tão incorrecta,

obedeceu tanto ao aforismo de traduttore, que Sienkiewicz viu-se obrigado a lavar um protesto enérgico contra os deturpadores de seu pensamento e a publicar uma tradução francesa, que serve de base a nossa tradução.

Esperamos que o novo folhetim fará sucesso e nossos leitores nos agradecerão a publicação do Quo Vadis? ( A REPUBLICA, 25.03.1901, nº 41)

E *Quo Vadis?*, ambientado na Roma imperial, à época de Nero, e tem por tema a perseguição romana aos cristãos após o grande incêndio, encanta os seus leitores, tanto que após a sua conclusão, quando já se publicava naquela folha uma típica leitura de viagem de Paul Kock, intitulado *Uma Recepção Burguesa*, já em 1902, um leitor manda a seguinte carta ao jornal

A propósito do Quo Vadis?

A Republica andou muito bem avisada, fazendo dos seus folhetins uma escola literária. E incontestavelmente uma das partes mais procuradas do jornal.[...]

O dr. Manuel Dantas que, com tanta proficiência traduziu o Quo Vadis, deu julgar-se compensado do seu esforço pelo agradecimento dos seus leitores e não deve arrefecer nesse emprehendimento, fazendo com que os folhetins do jornal que dirige sejam um atractivo e uma escola para os seus numerosos assignantes. (A REPUBLICA, 10.01.1902 nº 7)

As observações do leitor logo foram assimiladas pelos editores, que tolheram *Uma Recepção Burguesa*, sob o pretexto de que aquela leitura nada teria oferecer a não ser o enredo, firmando o compromisso de “procurar para os nossos folhetins obras de reconhecido mérito” (A REPUBLICA, 15.01.1902 nº 11). e iriam oferecer aos seus leitores uma obra atual, também traduzida por Manuel Dantas, era *Timon*, livro que fez bastante sucesso na França sem que contudo seu verdadeiro autor fosse conhecido.

A partir daí o periódico republicano potiguar irá publicar clássicos da literatura em seu folhetim, mantendo, inclusive, uma relação atualizada sobre os livros que seriam publicados. Dentre eles novas obras de Sienkiewicz, como *Hania* e *Sem Dogma*; F. Cooper, *O Derradeiro Mohican*; Matilde Serao, *A Conquista de Roma*; W. Scott – *Quintino Durward*; Molière, *O Médico a Força* e *As Trapaças de Scapno*; Balzac, *Eugenia Grandet*; J. Bertheroy, *As Virgens de Syracuse*; Mayzeroy, *Um Rapaz Velho*; Dostoiewsky, *Crime e Castigo* e Gustav Freytag, *Deve Haver*.

Em 1910 se inicia o folhetim Os Dramas de Paris – Rocambole, por Ponson Du Terrail, cuja importância já foi discutida anteriormente, romance que se prolongará de 1910 a 1917, e será o último do periódico durante a Primeira República. O longo tempo de publicação da obra não se dá somente pelo volume da mesma, mais também em grande medida porque os espaços para os folhetins foram diminuídos pela emergência de mais espaço para as propagandas. Rocambole chega ao fim em 11 de julho de 1917, nº 157. Não é substituído por nenhum outro folhetim, e sim pelas propagandas.

Percebemos assim que para aproximar a tão longínqua Natal do Velho Mundo os recursos literários foram largamente utilizados e os folhetins cumpriram um importante papel nesse contexto. Para além de uma função de entretenimento, as colunas literárias de “A Republica” possuíam um caráter educativo na medida em que buscava não só o interesse pela leitura, como também no entendimento de como a mesma se relacionaria com a formação do novo indivíduo que se queria para a época, que seria um sujeito civilizado aos moldes de Europa.

## **BIBLIOGRAFIA**

A REPUBLICA. 1890 a 1930.

ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. **O corpo e a alma da cidade**: Natal entre 1890 e 1930. Natal: EDUFRN, 2008.

ARÓSTEGUI, Julio. **A Pesquisa Histórica**: teoria e método. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

DANTAS, G. A. Ferreira. **Crise Urbana em Natal na virada para os anos 1920**: impasses da modernização e saberes técnicos. Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo. Programa de pós-graduação do departamento de arquitetura e urbanismo. São Paulo: EECS-USP, 2006.

GURGEL, Tarcísio. **Belle Époque na esquina**: o que se passou na República das Letras potiguar. Natal: Ed. do Autor, 2009.

\_\_\_\_\_. **Informação da literatura potiguar**. Natal: Argos, 2001.

MARINHO, Márcia Maria Fonseca. **Natal Também Civiliza-se**: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense (1900-1930) (dissertação – mestrado). Disponível em <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.doselect\\_action=&co\\_autor=54884](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.doselect_action=&co_autor=54884)>. Acesso em 20 de jun de 2010.

MENEZES, Philadelpho. **A crise do Passado**: modernidade, vanguarda, metamodernidade. São Paulo: Experimento, 2001.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. Notas rocambolhescas: histórias de escusos heróis. **Tempo Social**; Revista de Sociologia. USP. 3. p 77-92. 1991. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0312/NOTAS.pdf>>. Acesso em 07 de agosto de 2012.

OTHON, Sônia. **Dramaturgia da Cidade dos Reis Magos**. Natal: EDUFRN, 1998.

\_\_\_\_\_. **Vida Teatral e educativa na Cidade dos Reis Magos** – Natal, 1727 a 1913. Natal: EDUFRN, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.